

SCHWARCZ, Lilia Moritz – *Imagens da Branquitude: A Presença da Ausência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024. 427 p. ISBN 978-85-359-3785-5.

Daniel Florence Giesbrecht

daniel.giesbrecht@uc.pt

UC/FL/DHEEAA e Centro de Estudos Interdisciplinares da UC

ORCID: 0000-0003-4142-6860

1. O ano de 2024 será particularmente marcante para aqueles que, como no meu caso, acompanham a trajetória da historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz, professora da Universidade de São Paulo e de Princeton. Com um conjunto de obras que se tornou referência para gerações de cientistas sociais, Lilia Schwarcz consolidou sua reputação como uma das intelectuais mais influentes do Brasil. Suas publicações, amplamente reconhecidas, destacam-se tanto pela qualidade de sua produção acadêmica quanto pelo impacto de suas reflexões, tendo sido galardoadas por diversas ocasiões. Em junho de 2024, foi eleita para a Academia Brasileira de Letras (ABL), reconhecimento que ressalta a importância de sua produção intelectual no cenário acadêmico e cultural brasileiro; em agosto, lançou a sua mais recente obra, *Imagens da Branquitude: A Presença da Ausência*, publicada pelo selo da Companhia das Letras. Em uma entrevista recente concedida a mim e à antropóloga Patrícia Ferraz de Matos, a autora definiu o *Imagens da Branquitude* como “um desses projetos de vida, fruto de anos de reflexão sobre como lidamos mal com documentos imagéticos, tratando-os apenas como ilustrações, quando são documentos poderosos” (Giesbrecht et al., p. 6, 2024). Todos que acompanham os trabalhos de Lilia Moritz Schwarcz reconhecem que seu interesse pela iconografia remonta aos tempos de *Espetáculo das Raças* (1993). Contudo, esse entusiasmo tornou-se uma marca distintiva de sua produção acadêmica – quase uma assinatura – a partir da publicação de *As Barbas do Imperador* (1998).

2. Antes de adentrar os aspectos centrais da obra, inicio com algumas observações pontuais – críticas de caráter estritamente protocolar. A primeira refere-se a uma nota de rodapé inserida por Lilia logo após a apresentação do título do primeiro capítulo – *Eles que são brancos que se entendam! Ou, afinal, o que é branquitude?* Nessa nota, a autora adverte que, mesmo sendo um capítulo de grande importância para o livro, por apresentar uma série de trabalhos que o antecederam e que foram fundamentais na construção dos seus argumentos, “para aqueles que não queiram entrar nesta espécie de arqueologia do conceito, é possível pular o capítulo e seguir em frente com os demais, que são mais voltados a temas particulares envolvendo o exame do fenômeno branquitude e se valem da análise de imagens como fio condutor” (p. 39). Essa mesma advertência aparece novamente no início do quinto capítulo, criando a impressão equivocada de que partes da obra podem ser dispensáveis. Como alguém que acompanha os trabalhos de Lilia Schwarcz desde seu primeiro grande sucesso, *Espetáculo das Raças*, acredito ser possível afirmar, com propriedade, que a autora alcançou algo raro no campo das ciências humanas: a capacidade de escrever de forma acessível sem perder o rigor acadêmico. Sua narrativa envolvente aproxima-se da literatura, ampliando sua base de leitores para além do

público especializado, o que é, sem dúvida, uma marca de sua trajetória. Contudo, ao sugerir que os leitores “pulem” capítulos como estes, que oferecem um sólido fundamento teórico, talvez por considerá-los demasiado complexos, arrisca-se desvalorizar uma seção indispensável para a compreensão das análises que se seguem.

A segunda crítica refere-se ao tamanho reduzido de algumas das imagens apresentadas na obra. Durante a leitura da edição em papel, senti a necessidade de recorrer ao computador em várias ocasiões para visualizar com mais clareza as imagens examinadas. Tal questão poderia ser repensada em futuras edições, uma vez que as análises iconográficas realizadas por Lilia Moritz Schwarcz apresentam precisão e profundidade impressionantes, exigindo que o leitor tenha acesso aos mínimos detalhes das representações. Portanto, devido à relevância dos documentos imagéticos como elemento condutor dos argumentos da autora, um formato que amplie a visualização dessas figuras engrandeceria ainda mais a experiência de leitura e permitiria ao público acompanhar as interpretações das obras de forma mais completa.

3. *Imagens da Branquitude* é dividido em oito capítulos temáticos, somados a uma introdução e considerações finais. O livro apresenta uma análise crítica que se desenvolve de forma não linear, como um mosaico, com seus temas escolhidos cuidadosamente: mapas coloniais, monumentos públicos, alegorias, representações de maternidade negra, propagandas de sabonetes e discursos sobre branqueamento, sendo cada capítulo um ensaio independente, mas interconectado com o restante da obra, proporcionando ao leitor diversas informações para compreender o fenômeno da branquitude.

A metodologia interdisciplinar é outro ponto forte. Lilia Schwarcz não apenas descreve imagens, mas as lê criticamente, contextualizando-as em sua historicidade. Sua análise visual é enriquecida por referências a diversos autores, como Ernst Gombrich, que discute como a arte molda percepções (p. 216); Michel Foucault, cuja noção de biopoder ajuda a compreender como a branquitude organiza corpos e territórios (p. 43); e bell hooks, ao destacar como as representações visuais performam exclusões e reificam hierarquias raciais (p. 67).

No primeiro capítulo da obra, é apresentado um “estado da arte” detalhado sobre o conceito de branquitude, introduzindo o leitor às origens do termo e à forma como ele tende a se estruturar e operar no cotidiano enquanto norma invisível. Ademais, Lilia Schwarcz introduz os fundamentos teóricos para as análises posteriores, apresentando um panorama dos debates acadêmicos em torno da branquitude e os situando no contexto das dinâmicas raciais. Dialogando com Peggy McIntosh, Frantz Fanon, Kabengele Munanga e outros renomados autores, Lilia apresenta a branquitude como um privilégio estruturado, capaz de conferir vantagens materiais e simbólicas àqueles que ocupam essa posição privilegiada (p. 52). Essa interpretação me fez recordar os entendimentos desenvolvidos por George Lipsitz em *The Possessive Investment in Whiteness* (1995), em que Lipsitz argumenta que a branquitude não se limita a um estado de ser, mas configura-se como um “investimento possessivo” em sistemas que privilegiam historicamente os que dela se apropriam. Partindo dessa lógica, Lilia Schwarcz consegue demonstrar, de maneira verossímil, como, no Brasil, a branquitude é reforçada por discursos meritocráticos que frequentemente disfarçam desigualdades históricas ao transformar privilégios em supostas conquistas individuais. Esse “investimento possessivo” é expresso também nas representações visuais analisadas ao longo do livro, em que a autora demonstra como elementos

aparentemente neutros – como mapas, monumentos e propagandas – servem para reforçar narrativas de exclusividade branca, consolidando a branquitude como norma estética, cultural e social.

4. Conforme avançava na leitura de *Imagens da Branquitude*, sentia-me cada vez mais estimulado a dialogar com outros autores e a refletir “além das linhas do texto”. Por exemplo, quando Lilia Schwarcz enfatiza a necessidade de novas formas de ler as obras europeias a partir de uma perspectiva decolonial (pp. 197-198), fui imediatamente levado a revisitar o conceito da “colonialidade do poder”, formulado pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano (2000). De acordo com esse intelectual, a colonialidade não é apenas um período histórico, mas uma estrutura que persiste na organização social contemporânea, especialmente na manutenção das hierarquias raciais. Lilia parece concordar com perspectiva semelhante ao descortinar como a branquitude brasileira foi moldada pelo colonialismo, especialmente por meio do mito da mestiçagem. Ao romantizar o embranquecimento, o Brasil esconde a violência estrutural que sustentou essa narrativa, acabando por encontrar novas formas de reinventar a branquitude, adaptando-a aos discursos contemporâneos, como o da meritocracia, para manter suas posições de poder.

Lilia Schwarcz consegue deixar claro ao longo de sua obra que os documentos imagéticos, independentemente de suas naturezas, não são meramente descritivos, mas performativos. Ao retratar populações indígenas como selvagens ou exóticas, e africanas como primitivas ou bestiais, por exemplo, os artistas e cartógrafos não apenas reproduziam estereótipos, mas também contribuíam ativamente para legitimar a violência colonial (pp. 77-86). Do mesmo modo, ao descrever mapas e gravuras nos quais os continentes aparecem antropomorfizados, com a Europa simbolizada como uma mulher coroada, carregando atributos de civilização e domínio, enquanto a América e a África são figuradas como mulheres desnudas, associadas à fertilidade e à barbárie, a autora explicita que essas alegorias não eram apenas ferramentas de exploração, mas dispositivos de identidade coletiva que vinculavam os europeus a uma narrativa de superioridade racial (pp. 119-123).

Rememorando o trabalho pioneiro de Edward Said em *Orientalismo*, no qual o autor israelense analisa como o Oriente foi transformado em um “outro exótico” pela cultura ocidental, Lilia Moritz Schwarcz traça um paralelo ao demonstrar como os mesmos estratagemas foram utilizados para construir representações sobre a África e a América Latina (p. 120). A autora reforça seus argumentos ao ancorar o uso das imagens como dispositivos de poder no conceito de “comunidades imaginadas” de Benedict Anderson, refletindo como tais representações visuais também funcionaram para consolidar narrativas de dominação e exclusão (p. 273). No caso brasileiro especificamente, Lilia conecta essas representações de maneira historicizada, analisando como o Brasil, enquanto colônia, foi caracterizado como um espaço de exotismo e abundância, habitado por indígenas retratados de forma estereotipada. Essas imagens não apenas legitimaram a exploração dos territórios e dos próprios povos indígenas, mas também perpetuaram o imaginário da América como um espaço “natural” que seria dominado pelos europeus.

5. O texto dedicado aos monumentos e patrimônios públicos (4.º Capítulo) é, em minha opinião, dos mais emblemáticos. Nele, Lilia Schwarcz revela como a branquitude foi literal e simbolicamente esculpida na pedra e no bronze. Em sua leitura, as estátuas e construções urbanas reforçam narrativas de exclusão, apagando histórias negras enquanto celebram uma história única e eurocêntrica. Citando a escritora nigeriana Chimamanda

Ngozi Adichie, Lilia nos alerta para o perigo de uma “história única” e nos provoca a olhar para as lacunas – aquilo que foi deliberadamente omitido ou silenciado – e a entender como essas ausências moldam nossa percepção histórica e cultural.

Outro ponto alto da obra é a facilidade da autora em lidar criticamente com os marcadores sociais de gênero, raça e classe. A título de exemplo, o sexto capítulo de *Imagens da Branquitude* examina a figura das amas de leite, personagens historicamente relegadas à margem da memória coletiva, mas que ocupam um lugar central na intimidade das elites brancas brasileiras. Lilia Schwarcz utiliza a figura da ama negra para explorar as relações de poder racializadas que permeiam o ambiente doméstico brasileiro, mostrando, agora por meio de fotografias, como a branquitude foi construída não somente pela exclusão, mas também pela exploração direta e cotidiana dos corpos negros. Para isso, analisa representações em que as amas aparecem carregando crianças brancas, um gesto que reforça visualmente a ideia de que a branquitude é sustentada pelo trabalho invisível das mulheres negras.

Essas imagens, segundo a autora, são documentos impactantes que expõem as contradições de uma branquitude que é, ao mesmo tempo, dependente e excludente. Essa reflexão se alinha aos estudos de Achille Mbembe, singularmente em *Necropolítica* (2006), em que o filósofo camaronês discute como os corpos de populações negras são frequentemente reduzidos à função de suporte para a manutenção de privilégios de elites brancas. Lilia parece ir além dessa ideia, ao revelar como, no contexto doméstico, o corpo das amas negras era literalmente apropriado para garantir o conforto e a centralidade da branquitude (p. 211).

Embora focado no contexto histórico do XIX, a autora também reserva espaço para refletir sobre como as dinâmicas evidenciadas no capítulo continuam a se manifestar no tempo presente. De acordo com seus diagnósticos, figuras como das empregadas domésticas, babás e cuidadoras nas sociedades contemporâneas mantêm muitas das características das amas negras do passado, operando em condições de trabalho precárias e invisibilizadas socialmente. Essa continuidade funcionaria como uma espécie de lembrete de que as hierarquias simbólicas construídas ao longo da história permanecem profundamente arraigadas na sociedade brasileira (pp. 230-233).

6. O livro em análise apresenta uma ampla gama de temas tratados com notável competência, o que reflete a profundidade e o rigor característicos da autora. Infelizmente, no espaço limitado de uma resenha, torna-se inviável abarcar todos os aspectos explorados na obra, razão pela qual me concentrei aqui nos que considero mais relevantes.

Imagens da Branquitude: A Presença da Ausência configura-se como um marco nos estudos das relações raciais no Brasil, não apenas pela profundidade de suas interpretações, mas também pela habilidade singular de Lilia Moritz Schwarcz de dialogar com a academia e o público em geral. Ao reconhecer seu lugar de fala como mulher branca e judia, Lilia reforça que a desconstrução da branquitude começa com a autorreflexão crítica. Este gesto, no entanto, não é um fim em si mesmo, mas um ponto de partida que demanda uma ação coletiva, envolvendo tanto aqueles que ocupam posições de privilégio quanto os que resistem às estruturas que as sustentam.

Ao integrar análise teórica e imagética, Lilia Schwarcz nos oferece uma ferramenta poderosa para desestabilizar o que parecia naturalizado, questionando as hierarquias simbólicas que estruturam nossa sociedade. Sua obra é, simultaneamente, um convite à

reflexão profunda e um chamado urgente à ação transformadora. O desafio, como a autora tão bem nos mostra, é assumir essa tarefa sem reproduzir as sombras de um passado que persiste em moldar o presente.

Coimbra, 10 de dezembro de 2024

Referências Bibliográficas

- Giesbrecht, D. F., Matos, P. F. de, & Schwarcz, L. M. (2024). [Entrevista] Passados que Não Passam, Entre Vozes Silenciadas e Novas Narrativas. *Análise Social*, 59(253), 2-18.
- Lipsitz, G. (1995). The Possessive Investment in Whiteness: Racialized Social Democracy and the “White” Problem in American Studies. *American Quarterly*, 47(3), 369-387.
- Mbembe, A. (2006). Necropolitics. *Raisons politiques*, 21(1), 29-60.
- Quijano, A. (2000). *Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América Latina* (Vol. 13). Buenos Aires: Clacso.
- Schwarcz, L. M. (1993). *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Schwarcz, L. M. (1998). *As Barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras.

